

Carta do editor

DIVULGAÇÃO

Uma das grandes preocupações de *Linguagem & Ensino* é divulgar ao máximo os trabalhos aqui publicados. Para isso distribuimos a revista a todos os sócios da ALAB, colocamos os textos integralmente na Internet e, agora, vamos lançar um CD-ROM, incluindo não só os textos de *Linguagem & Ensino*, mas também livros, trabalhos apresentados em congressos, trabalhos não publicados (teses, dissertações, trabalhos individuais, incluindo relato de experiências, etc.), documentos (LDB, etc.), quem é quem (currículos de professores e pesquisadores).

É o Projeto TELA (Textos Em Lingüística Aplicada). Já conseguimos 4 mil páginas de texto e temos espaço para mais 36 mil. Convidamos o leitor e a leitora a participar deste projeto, enviando suas contribuições. Veja os detalhes na seção *notas*, no final desta edição.

O PLAUSÍVEL NA SALA DE AULA

Ao preparar os trabalhos para esta edição de *Linguagem & Ensino*, encontrei uma expressão que me chamou a atenção e que gostaria de apresentar aqui para reflexão inicial dos leitores: o senso do plausível. O que se faz em sala de aula, principalmente no ensino de língua, tem que ser plausível: os exemplos, os textos, os exercícios. Isso vale tanto para línguas estrangeiras como para a língua materna.

Podemos dizer que a sala de aula forma uma comunidade discursiva, no sentido de Swales (1990), com regras, normas e papéis que são exclusivos deste contexto, irreproduzíveis em qualquer outro. Muito do que se faz dentro da sala de aula causaria enorme espanto se feito em outro ambiente, não porque esteja intrinsicamente errado, mas simplesmente porque as convenções são outras. Isso não significa, entretanto, que a sala de aula seja uma redoma de vidro, protegida e

isolada do resto do mundo, uma ilha da fantasia dentro de quatro paredes, onde o mundo, e o que sabemos dele, possa ser ignorado. O que o professor faz na sala de aula tem que ser plausível — o que nem sempre consegue, como veremos em alguns dos trabalhos que compõem esta edição.

NESTA EDIÇÃO

Na seção de pesquisas, temos dois estudos sobre o professor de línguas estrangeiras, um trabalho sobre semântica argumentativa e outro sobre a aquisição de aspectos da narrativa em crianças.

Sílvia Costa Kurtz dos Santos em *A construção do conhecimento na prática de ensino em inglês como língua estrangeira* mostra, num trabalho muito bem documentado, a importância da competência do professor na construção do conhecimento lingüístico. Dá exemplos interessantes do que pode constituir o plausível e o não-plausível numa sala de aula de língua estrangeira e mostra a importância dos cursos de letras em desenvolver a competência inicial dos professores que se formam.

João A. Telles e Ester Myriam Rojas Osório, em *O professor de línguas estrangeiras e o seu conhecimento pessoal da prática: princípios e metáforas*, analisam a questão de como o professor vê sua prática na sala de aula de língua estrangeira. Os professores, de um modo geral, valorizam as experiências vividas, gostam de trocar experiências com os colegas, mas não fazem a transposição da prática para a teoria. Preferem o caminho inverso, buscando amparo na teoria para informar sua prática. Pelo que se vê, valorizam, acima de tudo, a prática.

Vânia Maria Lescano Guerra, em *A Pressuposição no jogo polifônico e argumentativo do discurso político*, demonstra, com base na teoria argumentativa de Ducrot, como um texto político pode ser analisado. A partir de um texto de opinião, publicado na *Folha de São Paulo*, a autora mostra como a pressuposição, entrelaçada com os pronomes e os operadores argumentativos, "compõe a estrutura argumentativa desse discurso político, no interior do movimento polifônico". Na medida em que a polifonia apaga o sujeito/autor, ela serve de fachada para abrigar uma multiplicidade de vozes que, se

sobrepondo uma às outras, resulta em uma "manobra argumentativa de grande eficácia".

Ana Maria de Mattos Guimarães, em *Desenvolvimento de narrativas: introdução de referentes no universo textual*, faz um estudo de dois aspectos do desenvolvimento de narrativas em crianças de 5 a 10 anos, em relação à referência espacial. Um aspecto é a menção da ocorrência espacial e o outro é sua relação com o personagem principal da narrativa. O estudo mostra que a aquisição da referência espacial é não apenas uma tarefa complexa, mas de desenvolvimento tardio. Um detalhe que me parece interessante é o uso precoce da referência espacial das crianças brasileiras quando comparadas com as crianças de outros países.

Na seção de ensaios, temos três estudos, sendo dois sobre leitura e escrita e um sobre formação de professores.

Rosane Silveira em *The relationship between writing instruction and EFL students' revision processes* faz uma resenha crítica dos modelos de ensino da escrita, com um levantamento amplo das diferentes propostas. A ênfase da autora está nos processos de revisão, onde ressalta também as diferenças entre escritores experientes e inexperientes. Ainda que escrito em inglês, e supostamente voltado para o ensino da escrita em língua estrangeira, o trabalho atende também perfeitamente a quem só estiver interessado na língua materna.

Como levar o professor a agir dentro de suas rotinas de sala de aula para melhorar seu trabalho, quer refletindo a experiência vivida, quer fazendo uma ponte com a experiência acumulada pela profissão? Essa é uma das perguntas respondidas por Telma Gimenez em *Reflective teaching and teacher education: contributions from teacher training*. O trabalho apresenta várias sugestões interessantes de como o professor pode desenvolver a reflexão a partir de sua prática. O contraste feito entre pesquisa ação e ensino exploratório (baseado no modelo de Allwright) é bastante elucidativo.

Lucia Rottava em *A perspectiva dialógica na construção de sentidos em leitura e escrita* analisa a leitura e a escrita com base nas idéias de Bakhtin, mas fazendo também uma retrospectiva dos outros modelos. Segundo a autora, em que pese o grande número de pesquisas já realizadas, há ainda grandes lacunas na área. Tradicionalmente tem-se dado ênfase à estruturação lingüística básica, com enfoque na narração,

descrição ou exposição, e não na relação que a leitura e a escrita têm com o contexto social em que são produzidas.

Finalmente na seção *notas*, apresentamos uma chamada de trabalhos para o CD-ROM com textos em lingüística aplicada.

REFERÊNCIA

SWALES, John, M. *Genre analysis*. Cambridge: University Press. 1990.

Vilson J. Leffa
Editor